

O ATLETISMO COMO OBJETO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Dr. SANTIAGO PICH

Professor do Curso de Educação Física da UNIVALI – Itajaí/SC

Resumo | O Atletismo brilha pela sua ausência na escola. Diversos motivos concorrem para que se instale essa situação, tanto de ordem estrutural presente nas escolas, quanto da formação superior em Educação Física e das maneiras hegemônicas de veiculação do atletismo pela grande imprensa. Neste trabalho, propomos alguns princípios didático-pedagógicos para a reorientação do ensino do atletismo no âmbito escolar produzidos com base na experiência de trabalho com uma disciplina no Ensino Superior que tematiza essa prática corporal.

Palavras-chave | Atletismo; Educação Física escolar; reorientação didático-metodológica.

INTRODUÇÃO

“Esporte de base” e “mãe dos esportes” são algumas das formas nas quais é apresentado o Atletismo. O Atletismo, considerado fonte primigênia do esporte ocidental, encontra-se fortemente vinculado ao mito da origem grega do esporte ocidental, que tem nos Jogos Olímpicos Gregos e a mitologia heróica que os identifica, sua principal referência. É frequente assistirmos diversas matérias jornalísticas que nos apresentam este esporte e seus “heróis” como figuras exemplares de ascensão social, de disciplina e afirmação da vontade, de autocontrole e autogerenciamento do corpo, ficando plenamente com o caráter civilizador do esporte moderno.

Vale lembrar trajetória de duas das “promessas” brasileiras para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro 2016, Ana Cláudia Lemos Silva e Bárbara da Silva Leôncio. Ambas, foram reveladas em projetos sociais de caráter esportivo desenvolvidos em regiões suburbanas de Criciúma e do Rio de Janeiro, respectivamente. No caso de Ana Cláudia a construção da sua narrativa biográfica responde a um modelo (em boa medida caricato) que identifica a retirante nordestina (Ana Claudia é original de Jaguaratama – Ceará) que acompanha a sua família em busca de melhores perspectivas de vida nas regiões mais ricas do país (a Região Sul neste caso), e que encontra no esporte o espaço privilegiado de reconhecimento e de melhoria das condições objetivas de vida. Por outro lado, Bárbara foi revelada pelo projeto “Lançar-se para o futuro”, desenvolvido pelo professor Paulo Servo Costa, no bairro de Curicica no Rio de Janeiro e tem como objetivo: “Retirar os jovens e adolescentes da ociosidade, ampliando seus horizontes e tornando-os cidadãos conscientes através do esporte”¹. O projeto teve sua origem nas preocupações do professor Paulo, com a condição de risco em que se encontravam as crianças que frequentavam a escola municipal em que ele lecionava. No projeto se afirma:

1. Fonte: <http://www.meioambiente.org.br/documentos/Lancar-se%20para%20o%20Futuro%20-%20Descricao.pdf>

Ele (o professor Paulo) inscreveu a escola municipal na qual lecionava, como clube e começou a treinar crianças diariamente, tirando-as da ociosidade que as levava a ficar na rua, correndo o risco de se envolverem com drogas. Essa ação colocou-as no caminho do esporte, que disciplina e abre portas para uma vida melhor.²

Vemos assim, o caráter afirmativo do esporte, neste caso o Atletismo, como espaço privilegiado de constituição do sujeito moderno e da escola como o *locus* em que esse processo deve ser iniciado.

A trajetória brevemente delineada acima está marcada pela adesão irrestrita aos parâmetros estabelecidos pelo sistema esportivo e à adequação aos imperativos de rendimento, sobrepujança e padronização e objetivação do movimento, bem como, do tratamento maquínico do corpo humano, que se realizam em longas e estafantes sessões de treinamento e desgastantes temporadas de competições. Não nos alongaremos nessa discussão em virtude do escopo deste trabalho, bem como desses aspectos serem amplamente discutidos por diversos autores da Educação Física (ver BRACHT, 1992, 2003; KUNZ, 1991, 1994; VAZ, 1999). Certamente que os modelos que apresentamos anteriormente situam o atleta como um ser de natureza diferenciada e o Atletismo como uma prática corporal que está direcionada ao alto rendimento esportivo e que demanda um grande investimento de tempo, dinheiro e esforço para ser praticado.

A experiência no trabalho com o Atletismo no Ensino Superior, que aqui utilizo como referência para a construção do texto, bem como o trabalho desenvolvido no estágio supervisionado, tem me mostrado que o Atletismo recebe um tratamento marginal na Educação Física escolar. Quando conversamos com os professores das escolas os principais motivos alegados para essa falta de tratamento se vinculam à fragilidade no trato com conhecimento sobre o Atletismo dos professores no curso de formação superior por eles experienciado, mormente calcado no modelo tradicional de ensino de técnicas esportivas que pressupõe um processo

2. Fonte: <http://www.meioambiente.org.br/documentos/Lancar-se%20para%20o%20Futuro%20-%20Descricao.pdf>

analítico de ensino; bem como à falta nas escolas de materiais didáticos e espaços adequados para o tratamento dessa prática corporal.³

Na formação superior em Educação Física, podemos afirmar que há uma centralidade do ensino do Atletismo referenciado no rendimento esportivo. Na análise dos livros didáticos de Atletismo para o Ensino Superior realizada por Marcos Santos Ferreira se observa essa predominância. (FERREIRA, 1996). Por outro lado, Ferreira (2000), dando continuidade ao estudo anterior, ao analisar os livros sobre Atletismo do Brasil constata a fragilidade da descrição técnica presente nessas obras. O autor conclui que as referências à biomecânica são muito escassas e que nas poucas obras em que essa análise se faz presente os conceitos e análises biomecânicos se situam no plano do senso comum, fragilizando a análise científica do atletismo.

Na pesquisa sobre a tematização do Atletismo pelos professores das escolas públicas do município de Itaara (RS), realizada por Marques e Iora (2009), se demonstra que essa prática corporal está presente no cotidiano escolar, porém de maneira precária. Os autores concluem que há avanços com relação à postura pedagógica dos professores, observando-se uma gradativa apropriação das elaborações do movimento renovador da Educação Física brasileira, porém de maneira superficial. A crítica à postura tecnicista tem se desdobrado na legitimação do “lúdico”, sem maiores preocupações com a dimensão técnica no ensino dos esportes. Para os autores:

É satisfatório esboçar, também, que o pensamento renovador sobre Educação Física escolar encontra-se presente nas considerações desveladas em algumas falas, embora muitas ações ainda relacionem, de forma equivocada, as possibilidades de “desconstrução do esporte” com ausência total do ensino da técnica. (Ibid., p. 115)

Constatamos, neste caso, um dos equívocos apontados por Bracht (2000) com relação à apropriação da pedagogia progressista na Educação

3. Alerto que estas “impressões” não são fruto de um trabalho sistematizado de pesquisa, portanto, não podemos assumir uma postura conclusiva a este respeito, porém as pesquisas consultadas também concluem nesse sentido.

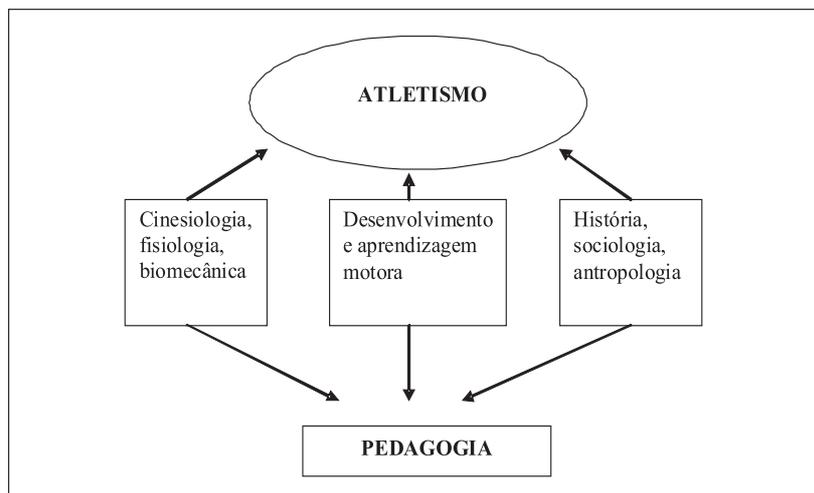
Física brasileira, que situaria como pólos opostos a “técnica” e o “lúdico”.

O significado hegemônico do Atletismo instituído pela grande mídia, bem como as fragilidades na formação inicial e continuada para mediar seu ensino, e as precárias condições materiais (infraestrutura e equipamentos) da maioria das escolas brasileiras, se apresentam como fatores limitantes para que o Atletismo seja tematizado pedagogicamente como objeto de ensino da Educação Física escolar.

PRINCÍPIOS PARA A REORIENTAÇÃO DIDÁTICO-METODOLÓGICA DO ENSINO DO ATLETISMO DA ESCOLA

Quando procuramos nas fontes bibliográficas para o ensino do Atletismo sentimos falta de uma abordagem que problematize de forma multidimensional o Atletismo, isto é, que apresente o Atletismo como um fenômeno possível de ser tratado a partir de diferentes “lentes teóricas” e que essas análises passem pelo crivo da postura pedagógica assumida pelo professor para a elaboração da sua proposta de ensino. Exemplificamos esta ideia no quadro 1.

Quadro 1 – Modelo de ensino para o atletismo no âmbito escolar



Entendemos que a mera tematização científica não é suficiente para a compreensão do fenômeno, uma vez que, no momento da intervenção pedagógica se evidenciará um posicionamento pedagógico sobre como encaminhar o processo de ensino-aprendizagem, que opera como mediador no diálogo com as ciências e que implica na definição de uma postura ético-política. Neste ponto concordamos com Bracht (1999) quando nos diz que o objeto (da Educação Física) se constitui a partir da relação (pedagógica) que estabelecemos com ele. Na literatura brasileira são escassos os esforços para superar essa lacuna, dentre os quais, se destacam as elaborações de Kunz (1994, 1998).

Continuando com as reflexões acima, devemos destacar a necessidade de avançar no sentido de tematizar conceitualmente o Atletismo no campo escolar. Nesse sentido, consideramos que é necessário incluir conceitos oriundos das diversas ciências a serem abordados de maneira cada vez mais complexa conforme se avança nos diferentes níveis escolares. Por exemplo, a “encenação” (KUNZ, 1994, e KUNZ, e SOUZA, 1998) dos rituais das competições atléticas no contexto dos jogos olímpicos gregos e dos jogos olímpicos modernos, em perspectiva comparada poderia ser utilizada para compreender a diferença de sentidos e significados em um e outro contexto histórico e problematizar a relação de “ruptura” e/ou “continuidade” entre o atletismo na Grécia clássica e na modernidade. Tão importante quanto a discussão sócio-histórica do atletismo, entendemos necessário o tratamento das adaptações agudas e crônicas ao exercício nas diversas provas atléticas, o estudo das fontes bioenergéticas e capacidades motoras mobilizadas na realização das diferentes provas atléticas e a análise cinesiológica e biomecânica das técnicas de movimento do Atletismo.

Outro aspecto que nos parece importante levantar diz respeito à excessiva importância que tem sido atribuída ao ensino da técnica nos moldes do *drill* das diversas provas atléticas, como condição *sine qua non* para o trabalho atlético nas escolas. Talvez, esse seja o ponto nodal da questão. Assim, entendemos que a relação com a técnica deve ser pautada na escola pelas noções de “significado central” (KUNZ, 1994)

e de “estrutura motora básica”, que será desenvolvida mais adiante. Para Elenor Kunz:

Para a descoberta e compreensão de significados a partir de experiências com o movimento nos esportes, é importante filtrar, inicialmente, os significados centrais encontrados em cada modalidade esportiva, o que deve permanecer. [...] No caso do Atletismo, estes elementos podem ser reduzidos ao correr, veloz ou com resistência, ao saltar, em distância e altura ou também declive (por que não?) e ao lançar e arremessar objetos. (KUNZ, 1994, p. 122)

Pensando neste sentido entendemos o Atletismo enquanto uma prática corporal de caráter agonístico, que situa duas ou mais pessoas em situação de competição objetivando a vitória, e que se realiza procurando a maximização do rendimento em provas referenciadas nos movimentos de correr e marchar, lançar e arremessar e saltar objetivando altura ou distância enquanto fins em si mesmos. Isto é, no Atletismo saltar, correr e lançar/arremessar não são meios, mas fins em si mesmos.

Com relação ao ensino do esporte entendemos que há duas grandes posturas. Sem dúvida correndo o risco de pecar por simplistas, agrupamos **globais e analíticas**. As compreensões **globais** partem do pressuposto de que a aprendizagem ocorre tendo como **norte do processo a forma total da ação motora** da qual nos propomos mediar seu aprendizado; enquanto a perspectiva **analítica**, entende que a aprendizagem ocorre a partir de **dividir a ação motora em partes** que devem ser aprendidas de forma separada e no final colocadas em conjunto para se chegar à forma global do movimento. Tradicionalmente o ensino do Atletismo se desenvolveu pautado no segundo princípio, na perspectiva analítica.

No nosso caso, optamos por uma perspectiva global, que descreveremos a seguir. Chamamos de **estrutura motora básica** aos **movimentos fundamentais que compõem cada prova atlética** e que formam uma “Gestalt”, uma forma global que se torna o “esboço motor” da prova atlética que pretendemos trabalhar. Esses movimentos devem ser “problematizados” de maneira integral, sem dividi-los em partes, principalmente nas fases iniciais do ensino. Por exemplo, se pensamos no salto em distância teremos uma estrutura assim: corrida de velocidade, seguida de uma

impulsão e um voo, e finalizada por uma queda o mais longe possível. (corrida de velocidade + impulsão + voo + queda).

Considerar os elementos acima apontados, nos permite começar a vislumbrar outra relação com as técnicas atléticas, não olharemos mais para as diferentes provas atléticas, e mais especificamente para as técnicas dessas provas, como construções quase-naturais, mas como práticas motoras que comportam uma determinada estrutura motora, que pode **ser útil como um dos elementos a considerar** para a construção de nosso processo de mediação pedagógica.

Entendemos que a estrutura motora básica deve ser tematizada a partir de um processo de mediação que confronte os alunos com problemas, cuja resolução situe o aluno como sujeito ativo na construção de conhecimento, tanto conceitual quanto prático, sobre o Atletismo. Para Hildebrandt e Langing (1986) a problematização e o ensino por descoberta são formas de ensino não-diretivas que contribuem para a subjetivação do ensino. A estrutura motora básica pode ser a base para o professor construir problemas motores, cuja resolução pode levar o aluno, tanto individual quanto grupalmente, a compreender pela ação e pela reflexão sobre a ação a lógica das provas atléticas. Nesse sentido, entendemos que:

- a) O aluno deve ser confrontado com problemas (cognitivo-motores) sobre a temática em questão para construir os meios de apropriação do saber que é objeto do processo de mediação pedagógica. Dito de outra maneira, cabe ao professor apresentar problemas ou jogos motores que levem o aluno, a partir da sua resolução, a construir a/s forma/s mais adequadas para a compreensão teórica e prática das diferentes provas atléticas. A resolução desses problemas deve ser sempre orientada no sentido grupal, promovendo espaços de diálogo e discussão sobre as formas de movimento produzidas pelos alunos.
- b) Entretanto, para podermos pensar nesses problemas é necessário considerar a estrutura motora da prova que queremos ensinar. Os

problemas propostos deverão seguir um processo de complexidade crescente, levando sempre em consideração que a prática do Atletismo nos moldes formais não pode ser um fim último na escola.

- c) Na medida em que se avance na idade dos alunos é importante que o professor apresente a eles as características estruturais da atividade atlética em questão e depois solicite a eles a elaboração de jogos, que eles conheçam ou que inventem, que possam ser utilizados para ser “construída” a forma motora tematizada.

Continuando com o delineamento da proposta e, concordando com Kunz (1991, 1994), consideramos que é importante que o processo de mediação pedagógica contemple três momentos, que o autor chama de “aprendizagem por transcendência de limites”, ideia apropriada do filósofo holandês Tamboer. Nesse sentido, o autor nos aponta que devemos atender a três fases, denominadas “forma direta”, “forma aprendida no âmbito das possibilidades” e “forma criativa ou inventiva de transcendência de limites. (KUNZ, 1994, p. 117)

Forma direta: nesta fase o aluno experimenta as diferentes possibilidades de “manipulação direta” as formas de movimento, o ambiente e/ou os materiais, tanto individual como coletivamente, como correr, marchar e saltar em diferentes direções, ritmos, terrenos, com ou sem companheiros, lançar e arremessar objetos de diferentes dimensões em diferentes direções, com ou sem alvos, etc.

Forma aprendida no âmbito das possibilidades: aqui o autor propõe o ensino das maneiras formais de realização da prática motora objeto da mediação pedagógica, pela reprodução de modelos e pela elaboração de respostas dos alunos. As técnicas construídas historicamente devem ser propostas e aprendidas, uma vez que são parte de uma tradição que deve ser problematizada e não negada. Neste caso, é tarefa do professor abordar tanto conceitualmente, quanto procedimentalmente, as técnicas de partida, curta, média e longa, as técnicas de corrida circular e pendular, as técnicas do salto em altura, tesoura, rolo ventral e *fosbury-flop*, e assim por diante.

Forma criativa ou inventiva: a partir de uma situação o/s aluno/s a recriam no sentido de produzir uma forma própria relacionada aquela situação de movimento. Nesse sentido, a abordagem pedagógica que aqui defendemos pressupõe que a apropriação de conhecimento sobre o Atletismo deve levar os alunos a se conceberem como sujeitos capazes de produção de cultura, isto é, o Atletismo deve ser compreendido como um elemento dinâmico da cultura cujas estruturas motoras e sentidos podem ser recriados pelos participantes. Neste caso, as maneiras de classificação ou de mensuração podem ser questionadas incluindo adequação ao tempo, a dimensão estética da técnica, considerar a somatória de resultados individuais de duas ou mais equipes para computar o resultado da prova, adequar o percurso e os materiais às condições dos praticantes, criar jogos que tematizem aspectos da vida cotidiana e que se vinculem com as provas de Atletismo, ou simplesmente criar novas provas atléticas.

Outro problema que se apresenta no âmbito escolar é a falta de diferenciação da complexidade da abordagem das práticas corporais em diferentes níveis de escolarização. Propomos trabalhar com três formas diferenciadas: as “atividades atléticas”, as “atividades atléticas que problematizam a estrutura motora básica” e a “iniciação técnica ao atletismo” (ver Quadro 2).

Quadro 2 – Sequenciação do ensino do Atletismo na Educação Física escolar.

Série / Nível escolar	Atividades	Descrição
4 ^a , 5 ^a e 6 ^a séries – E. F.	Atividades atléticas	Jogos e brincadeiras que focalizam o caminhar, o correr, o arremessar, o lançar e o saltar.
7 ^a e 8 ^a séries – E. F.	Atividades atléticas focalizando a estrutura motora básica	Atividades problematizadoras referidas à estrutura motora básica das diferentes provas atléticas, mantendo como horizonte a ideia global do movimento.
Ensino Médio	Iniciação técnica	Introdução ao conhecimento teórico e prático das técnicas utilizadas para as diferentes provas atléticas.

Finalmente, destacamos a importância de repensar as maneiras de estruturar competições escolares de Atletismo, fortemente calcadas na lógica do esporte formal que privilegia as comparações objetivas dos resultados individuais. Propomos, a seguir, alguns princípios que podem auxiliar a orientar as competições de Atletismo no âmbito escolar:

- 1) Em nenhum momento se deve realizar uma competição na qual os resultados sejam computados individualmente, mas sempre coletivamente, isto é, entendemos que devemos trabalhar sempre na perspectiva da equipe. Eventualmente podemos pensar em competições individuais nas últimas duas séries do Ensino Médio, entretanto, sem computar o resultado em cada prova específica, mas enquanto desempenho somatório nas provas de saltar, correr, caminhar e arremessar/lançar, e ainda levando em consideração as características antropométricas de cada aluno, como nos aponta KUNZ e SOUZA (1998).
- 2) Outro pressuposto, diz respeito à necessária participação de todos os alunos em provas atléticas relacionadas a todas as habilidades motoras envolvidas (caminhar, correr, arremessar/lançar e saltar), no sentido de evitar a exclusão, a hierarquização, e a especialização dos alunos.
- 3) As regras devem ser simples, e em nenhum caso devem colocar punições por erros técnicos.
- 4) Os alunos devem ser protagonistas na preparação e execução da competição. Devendo ser evitada a presença de “juízes”, no sentido de promover a honestidade e a confiança entre os próprios alunos.
- 5) A premiação (se houver) deverá ser igual para todos, não poderá hierarquizar.
- 6) Nas atividades atléticas até a 6ª série (na primeira fase do ensino do Atletismo) não deve haver comunicação de resultados nem formação de equipes, na segunda fase 7ª e 8ª séries, os resultados devem sempre ser comunicados como resultado da equipe e não deve haver mensuração de resultados individuais. Somente haverá

resultado individual no Ensino Médio, e unicamente em caso da competição (como apontamos acima) nos 2º ou 3º ano ser por somatória de resultados nas diferentes provas. Neste caso, podemos aceitar a existência de mensurações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que os apontamentos aqui brevemente descritos podem auxiliar a (re)orientar o processo de reorientação didático-pedagógica do tratamento dessa prática pedagógica pela Educação Física escolar. O Atletismo é uma prática corporal de grande relevância na história da cultura corporal de movimento ocidental e cuja tematização pode ser de grande valia para a formação humana que acontece no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. *Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

_____. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Revista Movimento*, Porto Alegre, ano IV, n. 12, 2000, p. XIV-XIX.

_____. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

FERREIRA, M. S. A biomecânica nos livros brasileiros de atletismo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 21, n. 2/3, jan./maio 2000, p. 44-50.

_____. Atletismo e promoção da saúde nos livro-texto brasileiros. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v.3, n.4, 1996, p. 26-36.

HILDEBRANDT, R. e LAGING, R. *Concepções abertas no ensino da Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

KUNZ, E. *Educação Física: ensino e mudança*. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

____. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

KUNZ, E. e SOUZA, M. da S. Unidade Didática 1: Atletismo. In: *Didática da Educação Física 1*. p. 19-54. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

MARQUES, C. L. da S. e IORA, J. A. Atletismo escolar: possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e método em aulas de Educação Física. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 103-118, abril/junho de 2009.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos CEDES*, Campinas, ano XIX, nº 48, p. 89-108, agosto, 1999.

Recebido: 26 setembro 2010

Aprovado: 18 outubro 2010

Endereço para correspondência:

Santiago Pich

Servidão São Francisco de Assis, 165, apto 1

Campeche

Florianópolis-SC

CEP 88063-360

santiagopich@yahoo.com.br